

## Aposta na executiva

Logo no dia em que tomou posse como Ministro dos Negócios Estrangeiros do 1º Governo Provisório, em 16 de Maio de 1974, Mário Soares viajou para o estrangeiro com vista a iniciar conversações com dirigentes do PAIGC. Na deslocação para o aeroporto de Lisboa, conduziu ele próprio o seu automóvel pessoal. O chefe de gabinete era o diplomata Manuel Sá Machado, meu vizinho do lado. Confidenciou-me então que dissera a Mário Soares: “O senhor Ministro verá que não poderá repetir esta solução”. Acertou, mas poucas pessoas souberam da mudança de estilo.

Vem esta lembrança a propósito da notícia de que Passos Coelho, Primeiro-Ministro recém-empossado, viajou para Bruxelas em classe económica e fez saber que, nos voos para a Europa, o Governo utilizará a classe económica.

Eis um exercício de previsão das viagens do Primeiro-Ministro nestas circunstâncias.

Na saída de Lisboa, usará a sala VIP, “por razões de segurança”, como foi anunciado. Não terá pois de esperar nas longas filas de espera dos passageiros de económica pela verificação do seu lugar e despacho das bagagens nem aguardar a sua vez para o controlo de segurança nem esperar, por vezes em situação incómoda, até à abertura da porta de embarque. Reconheça-se porém que as salas VIP são menos cómodas do que os *lounges* da executiva, mas esta “desgradação” é inevitável.

Dentro do avião, a diferença é, em princípio, substancial: menos espaço para o passageiro e para as bagagens de mão, menos ajuda do pessoal de bordo, nada de jornais, revistas e um cabide para pendurar o casaco, uma *sandwich* ressequida e uma bebida despersonalizada, em vez do razoável e atencioso serviço de refeições da executiva. Se o senhor Primeiro Ministro quiser ler as notícias do dia, terá de comprar os jornais antes de embarcar. Terá maior dificuldade em usar o computador, em especial se lhe calhar ao lado um passageiro volumoso ou uma criança irrequieta. Para a sua *toilette* terá de esperar na fila que se vai formando na coxia quando o destino estiver próximo. O trabalho dos seguranças será mais complexo.

A menos que... na reserva de lugares haja alguma atenção à personalidade, talvez mesmo um *up grade* discreto, as hospedeiras se ocupem em especial daquela

peessoa tão importante e simpática, ainda reste algum dos jornais destinado aos passageiros da executiva ou mesmo uma refeição. Afinal, não é assim tão raro que tal aconteça aos comuns passageiros da económica.

À chegada, não haverá problema: “por razões de segurança”, aquele especial passageiro da classe económica será levado numa carrinha especial para a sala VIP do aeroporto de destino e alguém da embaixada se encarregará de tratar das bagagens.

Algo de semelhante se passará com os ministros, os secretários de Estado e as suas comitivas.

Tudo visto, a diferença inultrapassável (ou quase) entre as classes económica e executiva ficará circunscrita (e não é pouco, convenhamos) ao espaço disponível do lugar durante a viagem.

Mas o senhor Primeiro-Ministro teve o cuidado de anunciar que o seu exemplo de modéstia e de contenção se aplica apenas aos “voos para a Europa”. Interpretando esta frase com o sentido de “voos na Europa” (com exclusão pois de “voos para a Europa” provenientes de outros continentes), verifica-se que a medida exemplar tem o limite aproximado de três horas de sacrifício. Para além disso, já não haverá lugar incómodo nem mistura com emigrantes residentes nas Américas ou com imigrantes africanos.

Gostaria de imaginar o que pensarão disto os ministros, os secretários de Estado e altos funcionários, muitos dos quais, em viagens de ritmo semanal para a Bruxelas e outros destinos europeus, não podem prescindir de usar esse tempo para trabalhar. Penso também naqueles que, antes e depois de servirem como governantes, viajavam e viajarão habitualmente em executiva, ao serviço das suas empresas ou por opção pessoal.

Estou convencido – e até aposto – que este modelo não perdurará, porque, sendo porventura generoso, tem um pouco de ingenuidade e de aparência. Faço votos para que o sucedâneo não seja o uso de algum *Falcon* do Estado português, em que a eliminação das classes custa mais caro do que um bilhete de executiva.

Um esclarecimento pessoal: viajo geralmente em executiva, pagando do meu bolso.

24 de Junho de 2011

Carlos Ferreira de Almeida